

MILITARES E O GRANDE INIMIGO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 12.05.1981

Na última semana, em um momento em que toda a Nação se sentia traumatizada e indignada com o atentado de direita ocorrido no Rio centro, ouvimos os generais, durante as comemorações do Dia da Vitória, voltar a concentrar seus ataques ao comunismo, que “derrotado em 31 de março de 64, busca sustentar luta inglória, usando a infiltração solerte, a sedução de encantos, a violência assassina, a calúnia e a mentira.

Deixando de lado os exageros da retórica, e admitindo de plano que o comunismo stalinista é “uma forma de totalitarismo incompatível com a formação cristã e o amor à liberdade do povo brasileiro”, conforme declarou o general Ferreira Marques, o que importa aqui salientar é o defasamento, o desligamento da realidade concreta da Nação implícitos nas palavras dos dois generais de Exército.

As Forças Armadas tiveram sempre um papel fundamental na história deste País. Em alguns momentos seu papel foi muito positivo, especialmente na medida em que ajudavam o País a definir e realizar seus próprios interesses nacionais ameaçados pelas diversas formas de imperialismo. Em outros, e em especial no final dos anos sessenta e início dos anos setenta, quando o “milagre” econômico se somava a uma rígida ditadura militar, as Forças Armadas deixaram-se desviar de seus objetivos reais. Transformaram-se em instrumentos autoritários e ingênuos de uma acumulação capitalista desenfreada.

Devido a esse movimento das Forças Armadas com as piores formas de autoritarismo, o seu prestígio junto à sociedade brasileira reduziu-se fortemente. Ninguém tinha e poucos ainda têm coragem de criticá-las, mas o fato é que os 16 anos de ditadura, implantados em 1964 em nome da democracia, da segurança e do desenvolvimento nacional, foram identificados com as Forças Armadas, embora a responsabilidade da burguesia nesse triste episódio também fosse muito grande.

Depois de 1977, entretanto, diante da pressão crescente de toda a sociedade, os militares decidiram optar pela abertura política. O presidente Geisel, depois da reação contra o

“pacote” autoritário de abril de 1977, e o presidente Figueiredo, desde que assumiu a Presidência, passaram sinceramente a trabalhar pela abertura política. Através de sua ação as Forças Armadas se redimiam do autoritarismo recente.

Mas é claro que é dentro das próprias Forças Armadas que se encontram as resistências mais decididas, se não ferozes, à abertura. O episódio do general Frota, e agora os atentados terroristas realizados no próprio seio do Exército são uma indicação desse fato.

Na verdade, quem ameaça a democracia no Brasil hoje não são os comunistas, mas os grupos de extrema direita dentro e fora das Forças Armadas. Os comunistas, embora autoritários, estão felizmente tão enfraquecidos (devido ao desmascaramento do totalitarismo soviético) que não ameaçam ninguém.

Por isso os discursos anticomunistas dos dois generais são idéias fora do lugar. Desviam a atenção do que é hoje o inimigo fundamental da Nação e, portanto das próprias Forças Armadas. O grande e decisivo problema político do Brasil, para o qual a Nação conta com a colaboração das Forças Armadas, é o restabelecimento e o aperfeiçoamento da democracia. A grande ameaça a esse projeto está no totalitarismo, de direita, evidenciado no terrorismo recente. Seria conveniente que os militares considerassem este fato para poderem ajudar a construir no Brasil a democracia desejada.(12/05)